

Mídia e religião: reflexões foucaultianas sobre constituição de saberes e/ou verdades no portar dos corpos

Media and religion: Foucault's reflections on the constitution of knowledge and/or truths of the bodies

Patrícia Cristina de Oliveira Duarte *

RESUMO: O texto em tela constitui-se um breve diálogo com a obra do filósofo Michael Foucault. O interesse maior é explorar o potencial analítico de alguns conceitos do método arqueogenalógico proposto por Foucault. Portanto, este trabalho fundamenta-se na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, a qual busca em Foucault, principalmente em seus estudos sobre a relação saber-poder, evidenciar que são as formações discursivas que determinam o sentido dos discursos, sendo essa noção de fundamental importância para se entender a AD foucaultiana. Particularmente, vamos nos ater à discussão proposta por Foucault a respeito da constituição das verdades. Nesse sentido, apresentamos, a partir do método proposto por Foucault, uma série enunciativa sobre mídia e religião, contendo enunciados retirados de diferentes veículos de comunicação. O intuito é verificar as relações entre os elementos dessas séries e o modo como os sentidos são produzidos e/ou construídos em torno desses acontecimentos discursivos, os quais envolvem mídia, religião e constituição de saberes e/ou verdades.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia. Religião. Verdade. Corpo. Foucault.

ABSTRACT: The text on screen is a brief dialogue with the work of Michael Foucault. The main interest is to explore the analytical potential of some concepts of the Archaeology method proposed by Foucault. The study is based on Discourse Analysis (DA) of the French study line and it tries to find in Foucault, especially on his studies about the relationship between knowledge

* Possui Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. É Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Professora do Centro de Letras, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Norte do Paraná. E-mail: patriciaoliveira@uol.com.br

and power the support to show that discursive formations determine the discourse meaning. This notion is of great importance to understand Discourse Analysis by Foucault. We will stick to the discussion proposed by Foucault regarding the constitution of truths. In this sense, according to the method mentioned above, we will present a series of media and religion enunciation containing statements taken from various media outlets. The aim is to examine the relationship between the elements of these sets and how meanings are produced and / or built around those discursive events that involve media, religion and the constitution of knowledge and / or truths.

KEYWORDS: Media. Religion. Truth. Body. Foucault.

Considerações iniciais

Para os propósitos deste artigo, o que segue não é uma análise exaustiva do pensamento foucaultiano, até mesmo porque, de certa forma, estudar Foucault é adentrar em um espaço complexo, devido, sobretudo, à quantidade de textos que ele escreveu e à ruptura que seu pensamento produziu em várias áreas do saber instituído. Segundo Gregolin (2004, p.20), o pensamento de Foucault não é linear e, portanto, "os germes dos seus conceitos estão espalhados pelos seus textos".

Dessa forma, este artigo nada mais é que um breve diálogo com sua obra. O interesse maior é explorar o potencial analítico de alguns conceitos do método arqueogenealógico proposto pelo filósofo Michel Foucault. Portanto, fundamentando-nos na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, no que se refere ao método foucaultiano, procuramos evidenciar que são as formações discursivas que determinam o sentido dos discursos. Particularmente, vamos nos ater à discussão proposta por Foucault a respeito da constituição das "verdades" e/ou saberes.

Para tanto, apresentamos e analisamos uma série enunciativa sobre mídia e religião, cotejando-a com os referenciais teóricos advindos da obra de Michel Foucault.

Foucault: uma ruptura

A sistematização da obra foucaultiana não é muito simples de ser empreendida. Assim, para os objetivos deste artigo, classificamos sua obra, da forma mais habitual: na década de 60, textos arqueológicos, nos quais a preocupação de Foucault é o saber, ou seja, compreender a transformação histórica dos saberes que possibilitaram o surgimento das ciências humanas. Essa fase é conhecida como arqueológica. Nos anos 70, Foucault escreve os textos genealógicos, nos quais tematiza o poder, tentando compreender as articulações entre os saberes e os poderes.

Finalmente, já nos últimos anos de sua vida, textos arqueogenealógicos, nos quais a preocupação volta-se à questão do sujeito e da verdade. Para esse filósofo, tanto o sujeito como a verdade não podem ser vistos como essências universais, uma vez que ambos são constituídos historicamente. Nesse sentido, Foucault considera que toda verdade tem uma história, sendo necessário descrever como se deu a constituição dessa verdade como "verdade". Em *Microfísica do poder*, Foucault (1998, p. 12, grifo nosso) sustenta que

a verdade não existe fora do poder ou sem poder (...) A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros.

O autor ainda acrescenta, em suas reflexões sobre *verdade*, que esta, inevitavelmente, está "circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem." (FOUCAULT, 1998, p. 14). Em *A ordem do discurso* (2006), o autor fala em verdadeiro de uma época e admite que não existem verdades absolutas, mas verdades que se constituem através de determinados discursos, em uma dada época. Nas próprias palavras de Foucault (2006, p.35) lemos o seguinte:

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão

obedecendo às regras de uma "política" discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos. A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso.

Dessa forma, podemos inferir que tudo aquilo que não representa o "verdadeiro" da época não pode ser dito, ou melhor, até pode ser dito, mas não é aceito como "verdade". Foucault (2006) ainda acrescenta que ninguém pode entrar na ordem do discurso se não atender a certas circunstâncias e se não for qualificado, legitimado socialmente, para empreender tal discurso. O autor também discorre sobre as "sociedades de discurso", explicando que a função destas "é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição. (FOUCAULT, 2006, p. 39).

Nesse viés, segundo Mairon Escorsi Valério (2004), em seu artigo *Foucault pensando a religião*, podemos entender que para Michel Foucault o ponto nevrálgico da relação saber/poder encontra-se na questão da verdade e da sua busca como conhecimento absoluto. O filósofo assegura que existe um combate, constante, pela verdade ou, ao menos, na tentativa de encontrá-la. Foucault (1998, p. 13) não se refere à verdade como "conjunto de coisas verdadeiras a descobrir ou fazer aceitar", mas como "conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder". O autor enfatiza que devemos entender "que não se trata de um combate em favor da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha" (FOUCAULT, 1998, p.13).

É interessante observarmos que Foucault,

mesmo pensando na constituição dos saberes das ciências humanas no mundo moderno pretensiosamente laico, reflete sobre a importância da confissão, essa prática católica medieval de busca da verdade que marcou profundamente a própria construção desses saberes. (VALÉRIO, 2004, p.234)

Para Valério (2004, p. 235) essa reflexão de Foucault é “sintomática de julgamento do próprio autor que apresenta o cristianismo medieval como um regime de produção de verdade.” Ao afirmar isso, Foucault admite que as formas de produção da verdade, as quais se encontram estruturadas em torno da relação saber/poder também podem ser evidenciadas nos discursos religiosos.

Seria interessante, ainda, discorrermos um pouco mais sobre o posicionamento de Foucault sobre o discurso religioso e a produção da “verdade”, mas para os propósitos deste artigo, ficamos, por ora, com essas considerações. Gostaríamos de salientar que Foucault escreveu, com muita propriedade, sobre o corpo, discorrendo a respeito do controle que se pretende exercer sobre essa superfície. Temáticas que poderão ser desenvolvidas, de forma mais aprofundada, posteriormente, a partir de questionamentos que possam surgir na interação deste texto com seus possíveis interlocutores.

De Marx, Althusser e Pêcheux à revolução foucaultiana: da *ideologia* ao *poder*

Para entender a AD foucaultiana é fundamental compreender que a noção de formação discursiva é o eixo essencial em toda a obra de Foucault. Para isso, faz-se necessário depreendermos que o filósofo “concebe as formações discursivas não em termos de ideologia, termo profundamente marcado historicamente pelo viés marxista de posições no tocante à luta de classes, mas em termos de saberes/poderes” (GRANGEIRO, 2005, p.4). Assim, ao invés de ideologia, Foucault procura compreender a constituição de saberes/poderes. Para ele, o que move a história não é a luta de classes e, sim, a descontinuidade.

Ante o exposto, podemos depreender que o posicionamento de Foucault revela-se contrário aos seus antecessores que basearam suas ideias, basicamente, na questão da ideologia. Para entendermos melhor essa questão, falemos um pouco sobre Louis Althusser (1918-1990), que foi quem contribuiu

para renovar a teoria clássica marxista. É válido ressaltar que o filósofo Althusser, ao consolidar as bases teóricas do marxismo, exerceu um grande fascínio sobre os jovens da década de 1960.

Althusser (1974), em sua obra *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*, afirma que a classe dominante, a fim de manter sua dominação, cria mecanismos de perpetuação ou de reprodução da sua ideologia. Para ele, o Estado possui dois tipos de aparelhos, conceituados como: *Aparelhos Repressores*, os quais incluem o Governo, o Exército, a polícia, a administração, os tribunais, os presídios etc. e os *Aparelhos Ideológicos*, compreendendo instituições como: família, escola, religião, política, sindicato, cultura, informação, o Direito etc.

Para o autor, é por intermédio dos aparelhos repressivos e ideológicos que o Estado assegura o cumprimento das suas leis. Assim, as instituições de ensino, a imprensa, a polícia, a religião e a família seriam aparelhos que o Estado utiliza a fim de manter o controle sobre seus cidadãos. Nesse sentido, as ideologias expressariam uma concepção imaginária da sociedade, pois assegurariam a dominação dos indivíduos, fazendo-os cumprir, sem questionamentos, funções sociais a eles delegadas.

Podemos perceber que para Althusser (1974), a ideologia é uma espécie de consciência deformada que gera um cidadão coerentemente alienado. Dessa forma, o homem comum não consegue perceber a opacidade das relações sociais, ignorando que a realidade encontra-se dissimulada pela ação da ideologia. Nesse viés, as ideologias adquirem o estatuto de realidade e são chamadas de "verdades", que, por se constituírem "verdades", não podem e não devem ser questionadas. Nesse contexto, não existe um "sujeito", mas um ser assujeitado às diversas ideologias que o interpelam.

Ao olharmos para a obra de Pêcheux, vemos que ele está totalmente calcado no pensamento de Althusser, que por sua vez, como já discutimos acima, está focado em Marx, para quem a luta de classes é o motor da história. Segundo Pêcheux & Fuchs (1997, p. 166), a materialidade ideológica se concretiza no discurso. Assim, os autores partem da noção de que os efeitos

de sentido, de um dado discurso, dependem das posições e/ou condições sobre as quais o discurso foi produzido. Da mesma forma, como em Althusser, Pêcheux vê a ideologia como o grande elemento que interpela os indivíduos em sujeitos, e é esta interpelação que faz com que os sujeitos tenham a impressão de que o discurso realmente lhes pertence. Advém dessa proposição, a noção de formação ideológica, que é resultante da estratificação social, que vai retomar o pensamento de Althusser a respeito dos Aparelhos Ideológicos do Estado.

Contudo, Pêcheux é realmente o grande criador da teoria da AD, já que Foucault não estava preocupado em elaborar uma teoria de AD. Pêcheux traz significativas contribuições à AD francesa, sendo que uma delas, neste momento, interessa-nos bastante: o conceito de memória discursiva. Esta, conforme aponta Navarro (2009), em *O texto como objeto de análise discursiva: questões de sentido, memória e autoria*, é um componente da organização dos efeitos de sentido. Tendo em vista que a produção de sentido é algo que não é possível demarcar em termos de início e fim, os sujeitos são constantemente confrontados por incontáveis ideias, valores e crenças, as quais circulam pela sociedade, em diferentes formas de intercurso verbal e visual, sempre de maneira dispersa e descontínua.

Em contrapartida, Foucault não está focado em Althusser, nem em Pêcheux, já que para estes o sujeito é atravessado, interpelado por várias ideologias, portanto, não tem um discurso próprio. Para Foucault, as pessoas são atravessadas por relações de poder, já que, segundo ele, o poder está em todas as partes. Portanto, o poder não tem uma relação direta com o Estado. Segundo o próprio autor,

onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui (FOUCAULT, 1998, P. 75)

Olhando por esse viés, é possível compreendermos, conforme aponta Navarro (2008, p.4), que "as lutas e as resistências não se dão apenas entre

duas classes, mas em todos os estrados sociais, em níveis mais ou menos elevados.”

Diante disso, é essencial ressaltarmos que para Foucault, o discurso não é somente um lugar de alianças, mas, também, de confrontos, de sobreposição de diversas vozes, que, ao se entrecruzar, estabelecem o poder e, assim, o saber acaba por se constituir e legitimar em dado momento da história. Para esse filósofo, onde há poder, há também resistência.

É nesse sentido que o autor afirma que os sujeitos não se constituem o centro dos acontecimentos discursivos e, sim, objetos. Em *A arqueologia do saber* (2007, p. 30), Foucault, discorrendo sobre acontecimentos discursivos, propõe um dos questionamentos centrais de sua filosofia: “Como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” Essa é a grande inquietação do filósofo, tanto que ele assim se pronuncia:

O que se dizia no que estava dito? A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (FOUCAULT, 2007, p. 31)

Assim, em Foucault, no conjunto de sua obra, o homem está atravessado por relações de poder. E o poder se manifesta, conforme evidenciado por Foucault, em vários momentos de seus textos, na ordem do discurso: o controle de quem fala, de quem pode falar, de como pode falar, de que posição pode se falar, do que se pode falar, em que momento se pode falar etc.

O autor aponta para o fato de que as práticas discursivas determinam que nem sempre tudo pode ser dito e que aquilo que pode ser dito é controlado por uma ordem do discurso. Para Gregolin (2004, p.20), as práticas discursivas constituem e determinam os objetos e as transformações históricas do *fazer* e do *dizer*. Segundo a autora, tais práticas “provocam fraturas, brechas e rearranjos nas configurações do saber-poder”. (GREGOLIN, 2004, p.20),

Desse modo, podemos inferir que, para Foucault, o homem é produto das práticas discursivas. Para o filósofo, prática discursiva é "uma possibilidade aberta de falar sobre o homem e sua relação com a realidade." (FOUCAULT, 2006, p.25). Para o autor, as condições práticas de formulação do discurso geram esta possibilidade. Para ele, tais condições são impostas aos indivíduos por meio das normas sociais. Estas são criadas e aperfeiçoadas pelos micro-poderes, os quais são representados por instituições como a escola, a família, a religião, a mídia, a prisão, entre outros. Dessa forma, Foucault (2007) concebe "prática discursiva" como a materialização das regras e procedimentos teóricos que o sujeito, inevitavelmente, tem de obedecer, quando participa do discurso, uma vez que a prática discursiva está ligada diretamente aos micro-poderes.

Assim, Foucault (2006, p. 49) afirma que

o discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante.

Diante do exposto, podemos depreender que Foucault considera o discurso como um *acontecimento* porque é produtor de rupturas. Ele acredita que os saberes desenvolvem-se descontinuamente e esta descontinuidade representa a ruptura. Navarro (2008, p.2), ao tecer considerações sobre descontinuidade afirma que:

Para a história global, o descontínuo é algo que deve ser contornado, reduzido e apagado para dar lugar à continuidade dos acontecimentos histórico-sociais. Com base em Bachelard, Canguilhem e Nietzsche, Foucault apresenta uma história genealógica que se apóia na noção de descontinuidade, que rejeita, portanto, a idéia de causalidade linear e de tempo contínuo e unilinear, em favor de uma história que se pauta pelas múltiplas causalidades imbricadas. Uma história que não se encontra fechada em torno de um centro, mas, sim, definida como espaço de uma dispersão.

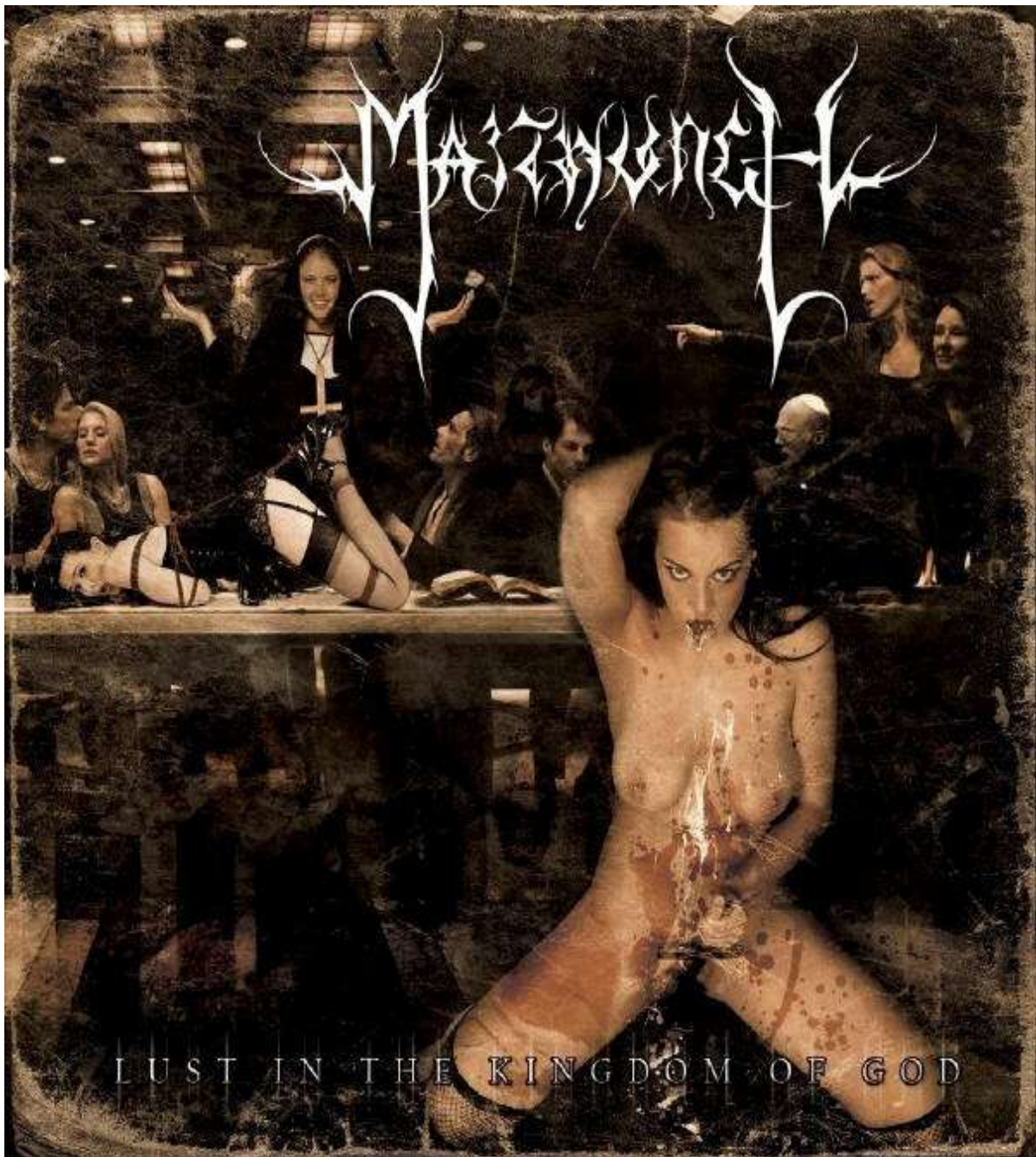
Ao falar em *dispersão*, trazemos à tona o conceito foucaultiano de formação discursiva, que, já dissemos, anteriormente, é o ponto central da obra de Foucault, e situa-se, justamente, no limiar *dispersão/regularidade*.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2007, p. 43)

A partir da explicitação foucaultiana do conceito de formação discursiva e de todas as considerações efetuadas sobre o modo como Foucault concebia a produção dos sentidos nos discursos, é que apresentamos, a seguir, a série enunciativa que elegemos para tentar descrever e interpretar as formas como o poder é utilizado como instrumento de produção de determinados saberes e não de outros. Trataremos, especificamente, dos saberes relacionados ao corpo, via discurso da igreja. Não deixando de evidenciar, também, os discursos de resistência à dominação e controle exercido sobre o corpo do indivíduo e sua erotização.







Análise das materialidades discursivas

As materialidades expostas retomam o espaço sagrado, representado por seus ritos e objetos de culto. Passemos, então, a evidenciar de que forma tais memórias estão sendo levantadas nessas materialidades.

A primeira imagem, retirada da Revista Playboy, edição de 33º aniversário, publicada em agosto de 2008, traz uma foto polêmica da atriz Carol Castro. No ensaio, a referida atriz aparece com uma roupa sensual, um corpete transparente e como artefato um *terço* em suas mãos.

A segunda imagem, também retirada da Revista Playboy, só que no México, traz a modelo Maria Florença Onori “fantasiada” de Virgem Maria, na edição de dezembro de 2008. Interessante notar que a publicação foi justamente no mês em que se comemora o nascimento de Jesus Cristo, aparentemente a revista pretendia adentrar no clima de natal. Logo abaixo da foto observamos o seguinte enunciado: “Te adoramos, Maria.”

Em relação às duas primeiras materialidades apresentadas, as memórias, em relação ao espaço sagrado, religioso, são ativadas pela presença do terço (nas mãos da atriz Carol Castro) e pelo lençol branco (servindo de manto) jogado sobre a cabeça e as costas da modelo espanhola, a pose da modelo – confira a disposição das mãozinhas - é como as de uma santa. O vitral ao fundo remete às janelas de igrejas e/ou pinturas nas paredes. A própria expressão da modelo, retratando ingenuidade, brancura (simbolizando pureza), inclusive o manto é branco, o semblante é de serenidade, em nada fazendo alusão à sensualidade, ou seja, retoma-se o espaço do sagrado, em um espaço considerado profano, que não é eclesiástico, um local laico. O enunciado “Te adoramos, Maria” relembra a frase que os fiéis utilizam para se referir e ou prestar adoração à Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, que é tida como santa, em países católicos, como é o caso do México e também do Brasil.

A terceira materialidade é a reprodução da capa de um álbum musical da banda *Maithung*, que foi lançado no início de 2009. A banda, concebida em 1998, na cidade de Porto Ferreira (SP), passou por uma pausa que se estendeu por quase uma década. No entanto, os integrantes, que são amigos de infância, reuniram-se novamente e lançaram o primeiro CD, intitulado: “Lust In The Kingdom Of God”. Sexo, tortura, sedução, perversão, histórias mórbidas, sadismo e obscenidades são os temas recorrentes do álbum musical.

Como podemos ver, esta materialidade também retoma o sagrado, juntamente com o profano, de uma forma muito mais agressiva que as anteriores. Ainda que o *Heavy Metal* extremo seja o segmento que mais faça uso de elementos que visem chocar a sociedade, é inegável que a capa de "Lust In The Kingdom Of God" seja extremamente polêmica. Ao analisar os elementos presentes nas imagens, percebemos que se trata de uma versão diferente de "A Santa Ceia", pois observando a materialidade vemos que há uma mesa, a qual serve de apoio aos elementos (pessoas) que estão dispostos nessa "ceia", isto é, nesta celebração, neste caso, celebração de orgias de ordem sexual.

Há a presença do "Cristo crucificado", há a presença do Papa (representante de Deus), há também a presença da mãe, com olhar complacente diante da profanação do sagrado, isto é, o corpo, o templo do Espírito Santo, conforme o discurso religioso. A cruz, símbolo maior da redenção humana, de purificação, que aponta para um movimento de renascimento, é utilizada como artefato que causa a liberação da sexualidade, do prazer. Fato evidenciado pela presença da garota nua, que se encontra em primeiro plano, masturbando-se com a cruz invertida. É possível percebermos, também, espalhado por todo o corpo da garota, manchas de esperma, representando o orgasmo, o gozo.

Também fica evidente, pela posição e pelas roupas utilizadas pela moça que está deitada de costas, em frente à mãe, à alusão que se faz ao sadomasoquismo. No lado direito, encontram-se duas mulheres que apontam o dedo para a mãe, ou seja, para sua atitude complacente diante da promiscuidade, diante do profano. Interpretamos essa acusação como sendo direcionada aos casos de pedofilia e homossexualismo praticados por representantes da Igreja (mensageiros de Deus), muitas vezes, até mesmo em locais considerados sagrados. A história tem mostrado, ao longo dos anos, que a própria Igreja Católica contratava e contrata advogados para defender os padres denunciados, os quais não conseguem controlar seus impulsos sexuais.

Assim sendo, entendemos que essas memórias estão sendo retomadas a fim de se estabelecer um sentido para esses discursos, à medida que provocam uma resignificação dos sentidos produzidos, geralmente, pelos objetos e espaços do sagrado. Segundo Foucault, conforme já salientado no início deste trabalho, o poder está em todas as partes. As pessoas estão atravessadas por relações de poder. Para ele, o poder se manifesta na ordem do discurso (o controle de quem fala) – de quem pode falar e assim se exerce o “controle” sobre o sujeito, em todas as dimensões de sua constituição: mente e corpo.

A Igreja produziu e produz seus saberes/verdades sobre o uso e finalidades do corpo humano, inclusive o Apóstolo Paulo, em sua primeira epístola aos tessalonicenses, no capítulo 4, versículos 3, 4 e 5 exorta os cristãos a preservarem os seus vasos (corpos) em santidade e pureza. Nas próprias palavras do apóstolo:

Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus. (BÍBLIA SAGRADA, Trad. FERREIRA, 1993).

Como sabemos, a doutrina católica, desde Santo Agostinho, ensina explicitamente, e insistentemente, que a procriação é o fim principal do sexo e este só deve ser praticado no casamento, isto é, só a igreja tem o poder de liberar os corpos para o exercício da sexualidade. Assim, esse discurso religioso aponta para o ato sexual somente como ato criador, destinado à procriação e não à obtenção de prazer. Por isso, a Igreja revela-se contra os métodos contraceptivos.

Nesse sentido, entendemos ser evidente uma das desconfiças de Foucault frente às verdades colocadas pela sociedade, ou seja, verdades construídas pela história. Essas “verdades” são colocadas para reprimir, para exercer controle sobre os corpos e o próprio exercício da sexualidade. E, novamente, retomamos o grande questionamento de Foucault: “Por que este enunciado e não outro em seu lugar”?

Relembramos, aqui, que, para Foucault, são as formações discursivas que determinam o sentido. Dessa forma, podemos depreender que os enunciados analisados apontam para o fato de que há um entrecruzamento de vozes antagônicas, isto é, há duas formações discursivas se confrontando: a da sexualidade (erotização do corpo) e a da religião (santificação do corpo).

Os sentidos produzidos nesse entrecruzamento de vozes midiáticas, emergindo de formações discursivas que se opõem, trazem o discurso religioso produzindo um discurso de oposição, de resistência. O sagrado é colocado, neste contexto, para atravessar o espaço laico (profano) como uma possível forma de luta e resistência a um poder estabelecido que pretende controlar os corpos dos sujeitos.

Os enunciados expostos organizam os sentidos, empregando um jogo discursivo entre sagrado/profano que visa a propor um determinado estilo de vida e de modo de como "portar" o próprio corpo, utilizando-o como fonte de prazer e até mesmo de obtenção de poder aquisitivo (mercadoria vendida).

Esses discursos propõem uma imagem de identidade atrelada à liberdade, ao prazer. O sujeito-leitor desses enunciados é convidado a "libertar" seu corpo, a não deixar que "outros" exerçam poder sobre ele, determinando a forma de utilizá-lo.

Quanto à posição-sujeito, os sujeitos que enunciam discursam sob uma posição contrária ao conservadorismo. A voz midiática que emerge a respeito do uso do corpo é no sentido de redefinir o que é pecado, o que é proibido, o que pode e o que não pode ser dito ou feito. A questão é colocar em discussão o que é "verdade", o que é pecado.

Assim, essas imagens têm a função de propagar a ideia de que não é só a religião que produz saberes/poderes, mas, apropriar-se desses discursos religiosos para causar polêmica, para chocar e produzir novos sentidos e novos saberes sobre o "corpo" e sua utilização (domínio de si) e, dessa forma, vender mais revistas e ou CDs. A ideia é: Assuma seu corpo e sua liberdade, faça o que quiser daquilo que é seu, no caso, seu corpo.

É interessante notar como a mídia consegue transformar esses acontecimentos em espetáculos. As duas revistas citadas tiveram suas edições esgotadas rapidamente e a banda, embora não seja tão conhecida, causou uma polêmica significativa ao trazer essa "Santa Ceia" corrompida. Como afirma Foucault: Onde há poder, há resistência. O próprio título do CD é sugestivo: "Lust In The Kingdom Of God", cuja tradução seria, aproximadamente, "Perdido no reino de Deus!" ou "Perdeu-se o reino de Deus!", que traria à tona a ideia de que os valores propagados por esse reino perderam-se, ou seja, os valores são outros.

Considerações finais

Como sabemos, a AD não está preocupada em buscar a intenção do autor ao escrever e ou criar as materialidades discursivas. Também não busca os sentidos que possam estar ocultos nas materialidades, mas procura apontar, sim, os sentidos que podem ser construídos a partir da exposição e observação das materialidades. A AD lança questionamentos: Que formações discursivas estão presentes em dados textos/discursos?

Portanto, a AD não considera que o sentido esteja alojado exclusivamente no texto, tampouco nas intenções do autor, também não depende somente da interpretação pessoal do leitor. A AD procura apontar os sentidos que se alojam no espaço onde a língua e a história se entrecruzam, espaço este que é o discurso.

Nessa perspectiva, não procuramos determinar o que os discursos analisados nas materialidades discursivas querem dizer, no sentido de apontar as "verdades" que estão escondidas por detrás das palavras e imagens, como se somente uma leitura fosse possível. Tentamos apresentar um gesto de descrição/interpretação de fatos de discursos, que sabemos ser permeado pelo nosso olhar, mas que traz à tona um dos possíveis sentidos para essas materialidades.

Referências

A BÍBLIA SAGRADA. Trad. DE João Ferreira de Almeida. 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *A ordem do discurso*. 13.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. *Microfísica do poder*. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux. *II SEAD - Seminário de Análise do Discurso*, 2005, Porto Alegre. Anais do II SEAD. Porto Alegre, 2005, p. 1-8

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Michel Foucault: o discurso nas tramas da História. In: FERNANDES, C; SANTOS, J. B. C. (Orgs.) *Análise do discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: Entremeios, 2004, p. 19-42.

NAVARRO, Pedro. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. In: TASSO, I. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória*. São Carlos: Claraluz, 2008.

_____. O texto como objeto de análise discursiva: questões de sentido, memória e autoria. In. ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (Orgs.). *O texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Eduem, 2009, p. 124-136.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). Em: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

VALÉRIO, Mairon Escorsi. Foucault pensando a religião. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades*, n. 10, v. 5, abr./jun.2004. Dossiê História Cultural. Disponível em <<http://www.seol.com.br/mneme>>. Acesso em 05/10/2009.

Enviado em julho de 2011.

Aceito em dezembro de 2011.